

064/91

64.91

Ives Gandra da Silva Martins

O NOVO PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS: PAULO BOMFIM

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,  
Membro da Academia Paulista de Letras.

*Pela sexta vez, os poetas brasileiros escolhem o seu príncipe. E pela terceira vez, um paulista é eleito por seus pares. E pela primeira vez, um poeta que não pertence à Academia Brasileira de Letras recebe o reconhecimento maior que, no Brasil, é outorgado a quem se dedica à profissão de fé, que é a poesia.*

*Falo de Paulo Bomfim.*

*Sua eleição, cuja apuração durou meses, deveu-se a ter a Revista "Brasília" do Distrito Federal procurado, entre 13.000 escritores, conhecer aquele que deveria suceder a Menotti del Picchia. Paulo venceu ao esplêndido Mário Quintana, com 5.000 votos de diferença, e passou a suceder ao carioca Olavo Bilac (1907), ao fluminense Alberto de Oliveira (1924), ao pernambucano Olegário Mariano (1938) e aos paulistas Guilherme de Almeida (1958) e Menotti del Picchia (1982). E, em que pesem os méritos de Mário Quintana, creio ter a eleição feito justiça a quem foi, durante toda sua vida, apenas poeta.*

*Escrever sobre Paulo Bomfim é escrever sobre a poesia.*

*Nos estritos limites de um curto artigo não cabe referência maior a seu currículo, a sua obra, a seus títulos, inclusive um deles obtido em promoção da "Folha de São Paulo", nos idos de 1981, ou*

seja, o de intelectual do ano (Troféu Juca Pato), com organização da União Brasileira de Escritores.

As duas dezenas de livros publicados, a sua posse na Academia Paulista de Letras, ainda muito jovem para os padrões do Sodalício, a sua estréia com o livro "Antonio Triste" de 1946, prefaciado por Guilherme de Almeida e com ilustrações de Tarsilla do Amaral, que lhe valeu o prêmio "Olavo Bilac" da Academia Brasileira de Letras, os inúmeros títulos, medalhas e considerações que obteve no curso de sua vida, são apenas alguns dos pontos de relevo de sua multifacetada personalidade e de sua vida de mensageiro da esperança.

Neste breve artigo, todavia, quero apenas realçar o poeta, como o vejo, como o sinto, como o leio, há mais de trinta anos.

Paulo, como Fernando Pessoa, se divide em diversos Paulos. Falarei apenas de três deles: do poeta lírico, do poeta paulista e do poeta filósofo.

O Paulo lírico, romântico, comedido, expondo suas emoções pelas imagens e nas imagens partilhando o coração, é o Paulo que acoberta toda sua obra poética. Ama a vida e o mundo, mas retrata, na poesia, um mundo diferente, sem as alucinações de um Dali ou de um Delvaux, mas com a pujança de metáforas candentes e dos ideais que nunca morrem em seu peito de gigante. Em Paulo lírico, jamais se encontra a desesperança, o desencanto, o desespero. É sempre um admirável amante do Universo, mesmo quando o reduz ao encontro de dois corpos, sem perder as cores próprias das origens:

"A gesta cotidiana, eis a canção  
Que o menestrel entoa pela rua,  
Pelo campo secreto onde a charrua  
De segas frias vai sangrando o chão"

e

"Senhora que fazeis de cada verso  
Um quarto do castelo que habitais,  
E percorreis as torres e os vitrais  
Das galerias onde me disperso".

Seu individualismo tem sempre um toque que transcende.

O Paulista é o épico. Paulo ama sua terra, sua gente e, nos momentos mais difíceis da nacionalidade, sempre faz soar um grito de alerta, para o Brasil, a partir da Paulicéia. Homero enalteceu os gregos. Virgílio cantou a saga dos troianos. Camões, a aventura maior da gente portuguesa. Paulo Bomfim recria São Paulo. Crê em São Paulo. Vive para São Paulo. E mesmo quando se enternece, não esquece a gesta dos paulistas:

"Monção de meus desejos e alegrias,  
Subindo a vida contra correntezas,  
Que águas escuras cegam meus sentidos,  
Molhando de tristeza meu olhar?".

É, todavia, o filósofo quem mais de perto me fala.

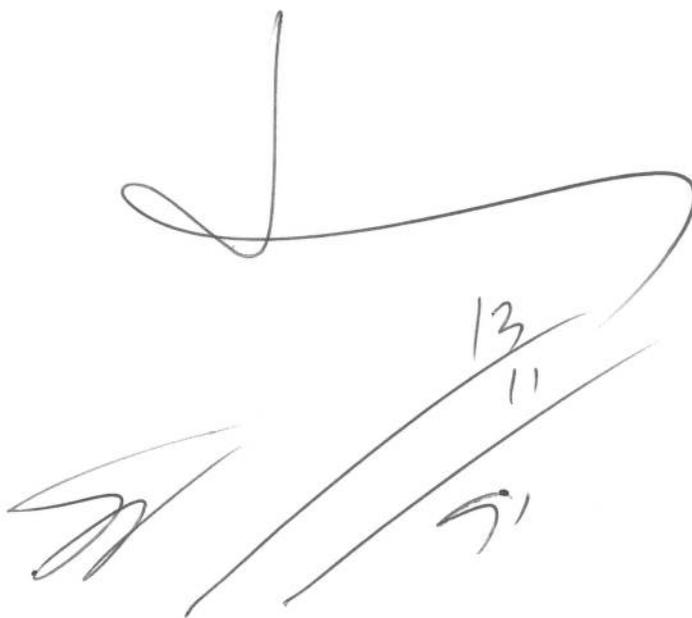
Paulo é cultor de soneto inglês. A forma de soneto que mais leva à reflexão. O soneto italiano é, por natureza, lírico. O inglês filosófico. No italiano, nas duas primeiras quadras expõe-se o tema e nos dois últimos tercetos a conclusão aberta a soluções de estilo, de grandeza formal, de abertura a distendidas construções poéticas. A explosão é comum nos sonetos italianos, pelos seis versos, que introduzem a conclusão do tema exposto em oito versos. No soneto inglês, a idéia é mais longamente exposta e a conclusão sintética. A idéia é exposta em doze versos e três

quartetos. A conclusão em dois versos rimados. Não se projeta o tema sobre a conclusão e esta não pode ser diferente do tema proposto. As explosões desaparecem no soneto inglês e a reflexão densa substitui a prolixidade maior da forma italiana.

Paulo é um mestre do soneto inglês. Sempre que se debruça sobre as razões da vida e do ser humano, Paulo se transforma em sonetista inglês. E cultiva a forma, como um ourives lapida suas pedras ou como um escafandrista busca, nas profundezas do oceano, as riquezas que a superfície não oferta.

Concluo este breve artigo com uma quadra do Paulo. Do Paulo reflexivo. Do Paulo que, ao penetrar por sua alma, descobre o universo infinito que existe em cada ser humano. Talvez nenhuma quadra dê a dimensão filosófica de que falo como esta:

"Ponte suspensa sobre o grande abismo,  
Dentro de mim caminho passo a passo.  
Há sombras que se agitam quando cismo  
Em outras dimensões fora do espaço".



A large, stylized handwritten signature or scribble is present at the bottom of the page. It consists of several sweeping, interconnected lines. To the right of the main signature, there are three small, vertically aligned numbers: '13', '11', and '9', which appear to be handwritten annotations or a list.